



ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ESO

TAMMY ROSAS RAMOS

A influência histórico-social das louças brancas na Manaus Antiga: 1890 –  
1950

Manaus – AM

2017

TAMMY ROSAS RAMOS  
tammy.rosas@outlook.com

## A influência histórico-social das louças brancas na Manaus Antiga: 1890 – 1950

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado com o propósito de finalizar o curso de bacharelado em Arqueologia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Tatiana de Lima Pedrosa Santos.

Manaus – AM

2017



## FOLHA DE APROVAÇÃO

O trabalho de conclusão de curso intitulado “A influência histórico-social das louças brancas na Manaus Antiga: 1890-1950”, de autoria da aluna TAMMY ROSAS RAMOS, de matrícula nº 1413140109, do curso bacharelado em Arqueologia, pela Universidade do Estado do Amazonas, no núcleo Escola Superior de Ciências Sociais – ESO, tendo como orientadora a Profª Drª Tatiana de Lima Pedrosa Santos, foi defendido no dia \_\_\_\_, de \_\_\_\_\_, de 2017, no \_\_\_\_\_, às \_\_:\_\_, finalizando com nota \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profª Drª Tatiana de Lima Pedrosa Santos (*orientadora*)

---

Profª Drª Gimima Beatriz Melo da Silva (*avaliadora*)

---

Profª MSc. Maria Arminda Mendonça de Souza (*avaliadora*)

*Dedico esta monografia à Manoel Rosas Pereira e Terezinha de Lima Rosas Pereira, obrigada por todos conselhos, por acreditar no meu potencial e por me colocarem no caminho da intelectualidade.*

## AGRADECIMENTOS

Assim que comecei a pensar a quem agradecer, duas pessoas principais vieram à mente. Em primeiro lugar quero agradecer a minha mãe, Cláudia Tereza de Lima Rosas, por ter acreditado no potencial da Arqueologia desde a escolha até o último instante da faculdade. Obrigada por me ouvir falando de louças de uma maneira que ninguém mais fala para você, obrigada pelas moedas para as xerox da faculdade, obrigada por aguentar os surtos com trabalhos e principalmente com a monografia. E acima de tudo, obrigada por ser a melhor mãe que eu poderia ter.

Em segundo lugar quero agradecer a minha “mãe arqueológica”. Pode não ser surpresa, mas não a vejo apenas como professora, nem apenas como orientadora, ou ainda chefe. Criamos uma conexão que não pode se resumir a apenas isso. Obrigada por orientar, aconselhar, aguentar e puxar minha orelha quando necessário. Você foi imprescindível na minha jornada arqueológica até aqui e tenho certeza que será importante mais a frente e até o final dela. Obrigada por ser a melhor orientadora, professora, chefe, colega de trabalho e um ser humano incrível. Obrigada por ser você e ainda ter tempo para mim, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos.

À Prof<sup>a</sup> MSc. Arminda Mendonça de Souza que sempre lutou pela Arqueologia no Amazonas. Com trabalhos incríveis e de muita importância para o conhecimento arqueológico. Meus parabéns e obrigada por ter salvo o material aqui apresentado e também por ter lutado pelo curso de bacharelado em Arqueologia.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Gimima Betriz, por ser verdadeiramente uma mulher-maravilha. Suas iniciativas, suas aulas, seu conhecimento e paciência me ajudaram muito, obrigada.

Ao secretário administrativo Átila de Oliveira Souto pelas tantas idas e vindas atrás de material para as aulas, pelo apoio e suor dado ao curso de Arqueologia. Sem você não teríamos conseguido.

A Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas e ao Laboratório Alfredo Mendonça de Souza pela liberdade dada no fazer da pesquisa, pelo apoio com material e por salvaguardar a Arqueologia no Amazonas.

A toda a família Rosas e a família Ramos, meu pai Manoel Ramos Neto, por perguntar inúmeras vezes quando eu iria encontrar um dinossauro para ele. Eu lhe amo incondicionalmente. Minha tia de sangue e madrinha Cyntia Regina de Lima Rosas, por ter passado tantos dias cuidando de mim, me acordado para assistir “Sítio do Pica-pau amarelo”, por ter me mostrado o valor da cultura brasileira desde sempre e por ter me ensinado a dar os primeiros passos na escrita e na leitura. Minha avó Terezinha de Lima Rosas Pereira e meu avô Manoel Rosas Pereira, eu sinceramente não tenho palavras para expressar o quanto devo a vocês. Meu sonho era que vocês me vissem ingressando a faculdade, “vó” você fez isso pelos dois, eu amo vocês infinitamente e para sempre! Tenho certeza que me tornei vezes mais inteligente por ser neta de pessoas tão incríveis.

Ao Rodrigo Barros Gomes, auxiliar administrativo do laboratório e o melhor colega de trabalho, por tornar tão confortáveis e engraçadas as tardes no laboratório de Arqueologia.

Ao Alberto da Silva Carvalho Filho por ser infinitamente paciente e ouvir por horas sobre arqueologia, por todo o apoio e por não me deixar desistir. A Ranniely Barros, Elivelton Souza, Vinícius Milhomem, Wendel Carmin, Jan Santos, Eduardo Alves, Marcelo Otávio e Monique Braga por serem amigos pacientes durante todo o processo exaustivo do trabalho de conclusão de curso e estarem comigo em todas as horas.

A todos os professores do curso que nos passaram informações e conhecimentos valiosíssimos, mas sempre prezando o aluno com visão própria e visão crítica.

Por fim, obrigada à Universidade do Estado do Amazonas, por acreditar no potencial e na importância de um curso de Arqueologia, e na Arqueologia enquanto ciência para o estado do Amazonas.

## RESUMO

A pesquisa surgiu a partir da necessidade de entender a presença de um número tão grande de louças brancas no sítio arqueológico denominado Catedral. São mais de mil fragmentos resgatados e mais de novecentos analisados e marcados, sendo estes de diferentes lugares, fábricas e técnicas de produção. Olhando além do uso funcional dessas louças, buscamos aqui o uso simbólico delas para fazermos inferências sobre o modo de vida e principalmente sobre a convivialidade entre diferentes classes sociais na Manaus Antiga, nos anos de 1890 a 1950, quando a cidade passa por períodos economicamente e socialmente distintos. O levantamento histórico e social nos permite resgatar a memória individual e coletiva impregnada na cultura material aqui estudada, possibilitando assim a visualização de uma sociedade por trás do objeto.

**Palavras-chave:** Arqueologia Histórica; Louças; Manaus.

## **ABSTRACT**

The research came from the need to understand the presence of a large number of white pottery in the archaeological site called Cathedral. They are more than a thousand fragments rescued and more than nine hundred analyzed and marked, these being from different places, factories and techniques of production. Looking beyond the functional use of these pottery, we sought their symbolic use here to make inferences about the way of life and especially about the conviviality between different social classes in the old Manaus, from 1890 to 1950, when the city goes through periods economically and socially distinct. The historical and social survey allows us to rescue the individual and collective memory impregnated in the material culture studied here, thus enabling the visualization of a society behind the object.

**Key words:** Historical Archaeology; Pottery; Manaus

## Lista de Figuras

**Figura 1** – Jardins da Matriz, 1901-1902. Autor: F.A. Fidanza (P. 18)

**Figura 2** – Igreja da Matriz em 1909. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Acesso: 2016 (P.19)

**Figura 3** – Planta da Imagem de Manaus em 1852. Fonte: Acervo IGHA, acesso: 2015 (P.19)

**Figura 4** – Monumento de abertura dos portos, 1901-1902. Autor: F.A. Fidanza (P.21)

**Figura 5** – Anúncio de viagem de navio à vapor, Correio do Norte, janeiro de 1912. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Acesso: 2017 (P.22)

**Figura 6** – Avenida Eduardo Ribeiro, 1901-1902. Autor: F.A. Fidanza (P.25)

**Figura 7** – Anúncio de jornal, casa de material elétrico na Av. Eduardo Ribeiro. Jornal Correio do Norte, janeiro de 1912. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Acesso: 2017. (P.26)

**Figura 8** – Planta de Manáos durante a administração de Eduardo Ribeiro. (1901-1902). Fonte: Álbum do Amazonas por F.A. Fidanza (P.27)

**Figura 9** – “Conde” Francesco Matarazzo (s/d). Fonte: Site Terra. (P. 31)

**Figura 10**– Anúncio da Metalúrgica Matarazzo, sem data. Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/c8/38/9f/c8389f61356de4f6c6b165947d3565f0.jpg> (P. 32)

**Figura 11** - Logomarca IRFM por volta de 1911. Fonte: <https://mohlegal.files.wordpress.com/2009/05/logomarcamatarazzo.jpg?w=300> (P. 33)

**Figura 12** – LOUÇA IRFM – São Caetano (coroa de 9 pontas). Autor: ROSAS, Tammy, 2015. (P. 35)

**Figura 13** – LOUÇA IRFM – São Caetano (coroa de 8 pontas). Autor: ROSAS, Tammy, 2015.(P.35)

**Figura 14** – LOUÇA IRFM – São Caetano (sem coroa). Autor: ROSAS, Tammy, 2015) (P.36)

**Figura 15** – LOUÇA IRFM – São Paulo. Autor: ROSAS, Tammy, 2015 (P.36)

**Figura 16** – LOUÇA JOHNSON BROTHERS. Autor: CARVALHO, Alberto, 2017 (P. 39)

**Figura 17** – LOUÇA JOHNSON BROTHERS. Autor: CARVALHO, Alberto, 2017 (P.40)

**Figura 18-** Recorte do jornal “O Bond”, setembro de 1906, anúncio de loja de louças. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. (P.41)

**Figura 19** – Recorte do jornal “O Bond”, outubro de 1906. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. (P.42)

## Sumário

INTRODUÇÃO	1
<b>CAPÍTULO 1</b>	
“ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: A JORNADA, OS CONTEXTOS E OS MÉTODOS PARA AS LOUÇAS BRANCAS”	5
1.1 A JORNADA	5
1.2 OS CONTEXTOS	8
1.3 OS MÉTODOS	12
<b>CAPÍTULO 2</b>	
“DA ESCURA SÃO JOSÉ DA BARRA DO RIO NEGRO À ILUMINADA MANAUS”	16
2.1 O FIM DO SÉCULO XIX, O INÍCIO DA GLÓRIA	20
2.2 ME MOSTRA O QUE TENS QUE TE DIGO QUEM ÉS	23
<b>CAPÍTULO 3</b>	
“DA FAIANÇA À PORCELANA”	29
3.1 O IMPÉRIO MATARAZZO	30
3.1.1 A LOUÇA BRANCA DE MATARAZZO	33
3.2 A INTERNACIONAL JOHNSON BROTHERS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

## Introdução

A cultura material aqui estudada foi encontrada no ano de 2002, ao acaso, durante uma obra de restauração e reforma da Igreja Nossa Senhora da Conceição, a Catedral Metropolitana da cidade de Manaus, popularmente conhecida como Igreja da Matriz. É um ícone histórico do povo manauara, desde os tempos antigos até os dias hoje. Marcou o início da colonização deste território, e como em várias outras cidades do Brasil Colônia e Império, era símbolo da grandeza e prosperidade da cidade. Por isso passou por várias obras e mudanças durante a sua história, sua significação social e cultural passando por altos e baixos, algumas delas perdidas no tempo, sem documentação escrita e os que porventura poderiam nos dar informação oral já não se encontram presentes.

Ainda assim, ninguém imaginava que ela abrigaria sob seu solo uma riqueza infinita de informação através da cultura material, que em conexão com o que se tem da história e da antropologia pode nos ajudar a preencher lacunas sociais e culturais do povo manauara. O projeto intitulado “Projeto de Aproveitamento Turístico e Resgate da Memória Cultural da Catedral de Manaus”, autorizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-AM), tinha como objetivo trazer à tona um material que até então não se tinha conhecimento nenhum no estado do Amazonas. Infelizmente o projeto foi encerrado sem nos dar grandes pesquisas.

É então que surge a curiosidade quanto às louças brancas encontradas no sítio arqueológico denominado “Catedral” com a seguinte pergunta: Por que há tantas louças e o que isso significa? Foram mais de dezessete mil fragmentos encontrados. Deles, mais de novecentos foram curados e catalogados de acordo com as metodologias da Arqueologia Histórica.

Partindo da quantidade, nota-se também uma grande variedade nessas louças, desde marcas nacionais e internacionais que recheiam as caixas onde estão armazenadas no Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, até diferentes tipos de decorações, de

cores mais fortes como o vermelho até mais claras como o salmão, permitindo a existência de inúmeros desenhos, formas e carimbos.

Mas mesmo com desenhos deslumbrantes marcados para sempre em algumas dessas peças, não é necessário ir muito longe para percebemos uma diferença qualitativa nas louças sem decoração. Algumas delas possuem um tom mais amarelado, são mais pesadas, mais porosas, grossas e, resumidamente, brutas. Enquanto outras são brancas como algodão, possuem um tilintar semelhante ao próprio vidro, de uma espessura que gera o medo de quebrar ao tocar e delicadas no modo de fazer.

Essa diversidade de louças encontradas nos permite pensar nelas como algo além de somente objetos utilitários ou de decoração. De acordo com a bibliografia visitada, não é incomum serem encontrados fragmentos de louças em sítios históricos, as vezes aos milhares deles (LIMA, 1995; SYMANSKI, 2002; SOUZA, 2013). Essa incorporação intensa ao cotidiano nos leva a crer que o uso e consumo desse material acarretou uma transmutação dessas louças em signos culturais (GEERTZ, 1989).

Para determinar a tipologia das louças encontradas fez-se necessário o uso da bibliografia especializada encontradas nos autores Eldino da Fonseca Brancante, com *O Brasil e a Cerâmica Antiga* (1981) e Aristides Pileggi em *A cerâmica no Brasil e no mundo* (1958). Estamos lidando com louças de qualidade, porcelana e semi-porcelana, mas também com louças mais baratas, como a faiança e a faiança fina.

O propósito desta pesquisa é entender até que ponto essa cultura material tinha poder de influenciar culturalmente e socialmente as pessoas que as portavam. Pois elas contam uma história muda das práticas cotidianas tomadas como comuns, mas que regulavam maneiras de se portar em público e as operações dos usuários.

O consumidor aqui se porta como dominado pela cultura material que antes ele dominava. Em *A invenção do cotidiano* (1990) de Michel de Certeau ele nos traz a imagem do consumidor enquanto produtor de uma imagem, aqui no caso a elite manauara, e a apropriação deste cotidiano por uma maioria marginalizada. Essa

maioria marginalizada procura instituir no seu cotidiano o que Certeau chama de “maneiras de fazer” da elite para se encaixar em padrões sócio-culturais aceitos por uma minoria. As louças em sua grande diversidade, tanto quantitativa quanto qualitativa, podem nos mostrar “ao vivo e em cores” os procedimentos, as bases, os efeitos e as possibilidades dessas “maneiras de fazer” em um consumo material combinatório e utilitário.

Essas “maneiras de fazer” de Certeau nos inclinam a questionar a formação da sociedade no seu íntimo. Em *O Processo Civilizador, volume 1: Uma história dos Costumes* (1990) de Norbert Elias, entendemos a diferença entre cultura e civilização através de um comparativo epistemológico das duas palavras. Trazendo a perspectiva das louças, a cultura do consumo dessas louças como símbolo de *status sócio-econômico*, molda um ideal de civilidade adquirido através da cultura material. Resumidamente, a civilidade encontrada na elite que consumia as melhores louças, provocava certo rebuliço nas classes médias e baixas e uma necessidade de se fazer ser aceito por quem estava no topo.

Essas louças nos contam uma história, além de nos fazer questionar o social de uma cultura. Neste trabalho inédito na cidade de Manaus, dividido em três capítulos, se busca entender o ser humano atrás do objeto e a capacidade desta cultura material de moldar o pensamento e o discurso de classes inteiras.

No primeiro capítulo intitulado “A Arqueologia Histórica: a jornada, os contextos e os métodos” será abordado brevemente a formação da Arqueologia como ciência, o surgimento da subdisciplina aqui utilizada, a Arqueologia Histórica, os contextos produzidos e modificados com o tempo através de pesquisa bibliográfica e os métodos utilizados na pesquisa vigente.

O segundo capítulo, com título “Da escura São José da Barra do Rio Negro à iluminada Manaus” fala-se um pouco sobre a formação da cidade de Manaus até a chegada desta ao período áureo da borracha, mostrando as mudanças físicas e sociais da cidade.

O terceiro e último capítulo intitulado “Da Faiança à Porcelana” onde as louças brancas serão quantificadas, qualificadas e contextualizadas de acordo com o período aqui estudado (1890-1950) e de acordo com a sociedade manauara da época. As louças escolhidas para esse estudo são das fábricas IRFM (Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo) – São Paulo e São Caetano, e a internacional Johnson Bros, ambas sem decoração.

É importante ressaltar que a pesquisa é multifacetada e muito abrangente, então esta monografia é apenas a “ponta do iceberg” para trabalhos maiores. Dado ao caráter multi e interdisciplinar da Arqueologia Histórica é possível ter diferentes abordagens através da mesma cultura material.

## CAPÍTULO 1

### “Arqueologia Histórica: a jornada, os contextos e os métodos para louças brancas”

*“[...] se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem.” – Clifford Geertz, 1973, p. 4.*

Fica claro após diversas leituras de trabalhos de arqueólogos pesquisadores que se empenham em explanar e “decidir” qual é o papel da Arqueologia, principalmente a Arqueologia Histórica, dentro das Ciências Humanas e Sociais, que ainda existe um problema de aceitação das inúmeras possibilidades que a Arqueologia traz. Ainda tenta-se encaixar a Arqueologia em padrões que, às vezes, não conseguem evocar todas as muitas faces e resultados que uma pesquisa pode acarretar (CARVALHO, 2003; COSTA, 2013; FUNARI, 2004; GASPAR, 2003; GHENO, 2013; KERN, 1985; LIMA, 1985, 2002, 2011; MACHADO, 2009; MORALES, 2014; SYMANSKI, 2009)

Desde o início a Arqueologia brasileira precisa correr para se alinhar com as correntes teóricas e os movimentos científicos que surgem na América do Norte e na Europa. Pelo fato de adquirir essas teorias e movimentos tardiamente, por vezes umas se confundem com outras e a Arqueologia brasileira ganha muitos reverses (LIMA, 2002; GASPAR, 2003).

#### 1.1 A JORNADA

Precisamos lembrar o que era a Arqueologia para que seja contextualizado o que está se pesquisando. Trigger (2004) afirma que o homem sempre teve curiosidade quanto ao seu passado. Essa curiosidade teria ajudado a dar início as coleções arqueológicas, que até então eram simplesmente coleções. Até 1960 não existia um corpo teórico científico para justificar os atos dos então chamados antiquários que iniciam sua jornada antes mesmo do século XVI, tempo este que é o auge do antiquarismo (GASPAR, 2003; TRIGGER, 2004).

“Por volta do século XIV d.C., as mudanças econômicas e sociais aceleradas que marcaram o fim do feudalismo no norte da Itália levaram os eruditos a tentar justificar inovações políticas demonstrando que tinham precedentes nos tempos antigos. Os intelectuais da Renascença voltaram-se para a literatura remanescente da era clássica com o intuito de prover de um passado glorioso as emergentes cidades-estados italianas e justificar a crescente secularização da cultura (Slotikin, 1965: X).” (TRIGGER, 2004, p. 35)

Esta crescente busca de justificar o presente com o passado levou a descoberta de que o modo de vida mudou da era clássica para a era medieval e que cada período histórico tem uma leitura única. Com isso surge a noção de proteger, ou resgatar, esse passado clássico, que deixa de ser restrito a literatura e infiltra as artes, a arquitetura, os objetos da nobreza italiana, entre outros.

“O interesse pela antiguidade clássica espalhou-se pouco a pouco pelo restante da Europa. Com o passar do tempo, os membros da nobreza tornaram-se ávidos colecionadores de arte grega e romana, que seus agentes adquiriram na região do Mediterrâneo” (TRIGGER, 2004, p. 38)

As inúmeras coleções criadas despertaram o interesse em conhecer mais o passado de inúmeras populações que apenas possuíam documentos escritos, documentos estes que depois das pesquisas não sistemáticas desses curiosos clássicos provaram-se verdadeiros ou falsos (TRIGGER, 2004). Essa seria uma das primeiras justificativas do porquê se fazer a Arqueologia Histórica, constatar ou não o que já se sabe, além de trazer as novas descobertas. “O antiquarismo foi a primeira expressão do que mais tarde seria conhecido como arqueologia clássica” (GASPAR, 2003, p. 269)

Os primeiros passos para uma Arqueologia como se conhece hoje foram dados na primeira metade do século XVIII com escavações a sítios como o de Pompéia. Mas a falta de sistematização e cunho científico interpretativo tornaram-nas verdadeiros campos de garimpo para coleta de materiais valiosos (TRIGGER, 2004).

Com o acúmulo dos resgates desses materiais e a formação de coleções tornaram-se necessários a identificação dos mesmos, trazendo à tona os primeiros métodos científicos e divisões tipológicas no século XVIII (idem, 2004).

“No século XVIII, a sociedade de Antiquários, em ação desde o primeiro decênio, começa a publicar sua revista com o título de Arqueologia. É nessa tradição renascentista que a civilização greco-romana é conhecida e reconhecida. A arte começa a contar sua própria história recortada de todas as outras e que contaminará toda a prática da arqueologia, pois alimentará o colecionismo – fome insaciável de peças belas e raras. É essa tradição que se filia à Arqueologia Clássica.” (GASPAR, 2003, p. 269)

No século XIX, com o surgimento dos museus, das sociedades científicas e das grandes expedições eis que surge o interesse no período pré-histórico. É também que o que é conhecido hoje como Arqueologia Clássica perde forças. O fato de não haver documentação escrita para justificar a existência de materiais como os líticos, ou das pinturas feitas em pedras fez com que todos os olhares se voltassem para esse material pré-histórico e somente depois de muito tempo o interesse na cultura material produzida em períodos históricos ressurgiu com o nome de Arqueologia Histórica (GASPAR, 2003; TRIGGER, 2004)

Com o crescente interesse na pré-história e a sistematização das pesquisas, a Arqueologia se consolida como ciência no século XX, abrindo vieses diferentes para culturas materiais distintas.

Orser (1992) afirma que essa distinção entre história e pré-história, por si só, deveria deixar claro e firmar as diferenças e respectivas importâncias entre Arqueologia Pré-histórica e Arqueologia Histórica. Porém, pelo fato da Arqueologia ter surgido, e assim permanecido por muito tempo, não como ciência, mas como simples curiosidade, termos iguais significam coisas diferentes.

No Novo Mundo (as Américas), conhece-se como pré-história tudo que foi construído, cultivado e marcado antes da chegada do colonizador Europeu. Após essa chegada começa-se o período Histórico. Porém, na Europa, os povos pré-históricos são os mesmos que deram origem aos povos históricos, tornando o marco entre pré-história e história inconstantes (ORSER, 1992).

Ainda que no Novo Mundo exista um conceito bem definido de pré-história e história, este Novo Mundo não foi colonizado ao mesmo tempo, nem pelos mesmos povos. Além disso outras questões como as geográficas, habitacionais e a mistura de materiais pré-históricos com históricos tornam difíceis a marcação exata de quando se deve começar a tratar por Arqueologia Histórica, enfraquecendo a epistemologia da mesma (idem, 1992).

“As datas de verdadeiros contatos diretos entre europeus e índios, em geral considerados delimitadores do início do período histórico, são difíceis e, muitas vezes, impossíveis de se estabelecer.” (ibidem, p. 20)

O Brasil é um caso particular por ter iniciado sua colonização em 1530, tardiamente se comparado a outros pontos das Américas que já tinham sua história em curso há um certo tempo. Trata-se aqui o período antes da chegada do europeu como período pré-colonial.

Segundo Gaspar (2003), relacionando os trabalhos produzidos nas reuniões da SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira), no Brasil a Arqueologia Histórica procura refletir sobre o modo de vida que se estabeleceu após a colonização europeia. Mas com o desenvolvimento da Arqueologia em si, esta definição tomou desdobramentos. Com isso ela divide a Arqueologia Histórica aqui feita em seis categorias, uma delas é os “estudos de práticas cotidianas e mentalidades”, que engloba a pesquisa aqui trabalhada, onde se procura refletir sobre os aspectos da vida cotidiana através dos sítios históricos e da cultura material, encaixando-se as louças brancas.

## 1.2 OS CONTEXTOS

Muito se fala dos **contextos** na Arqueologia, mas quais são os contextos possíveis dentro da Arqueologia Histórica? Como ela se iniciou e como foram escolhidos os contextos a serem estudados?

Como dito anteriormente, a Arqueologia começa a se institucionalizar em 1960, e para a Arqueologia Histórica começa com o interesse nas reduções jesuíticas dos séculos XVI, XVII e XVIII no sul do Brasil e os sítios de contato do litoral nordestino do século XVI (SYMANSKI, 2009). Porém, desde os anos 1950 inaugura-se a Arqueologia Histórica, contudo não levava o nome da disciplina, com o desenvolvimento de trabalhos voltados para a restauração de monumentos e prédios antigos (GASPAR, 2003).

“[...] Continuando com Andrade Lima (1993), durante um longo período, a Arqueologia Histórica brasileira dedica-se ao estudo de prédios coloniais, investiga igrejas, missões, conventos, fortificação e solares etc.” (GASPAR, 2003, p. 270)

A maioria dos trabalhos feitos nesse período seguiram a linha teórico-metodológica do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) coordenado pelo casal americano de arqueólogos Clifford Evans e Betty Meggers tendo durado cinco anos.

“Apesar de usar uma abordagem mais antropológica, esses estudos corresponderam muito mais a uma continuação da pesquisa pré-histórica sobre os povos indígenas na época do contato, do que a uma arqueologia histórica sobre a formação da sociedade brasileira do presente.” (COSTA, 2013)

O primeiro seguimento da Arqueologia Histórica foi a corrente histórico-cultural que tem como principal contexto a dispersão espacial e temporal da cultura material estudada de modo a descrever essas sociedades.

“A abordagem histórico-cultural foi bastante produtiva nos anos de 1960 e 1970, período no qual foram realizados importantes trabalhos comparativos, sobretudo com cerâmicas de vilas espanholas e sítios missionários do Paraná (Chmyz 1976a, 1979) e do Rio Grande do Sul (Brochado 1969; Brochado et al. 1969; Ribeiro 1981), que enfatizavam os processos de mudança na cultura material das populações guarani a partir do contato com os colonizadores espanhóis. Do mesmo modo, a caracterização da tradição ceramista Neobrasileira, definida como uma "tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências..." (Chmyz 1976b), ou entre indígenas, europeus e africanos (Dias Junior 1988), também foi baseada em estudos comparativos que consideravam a dispersão temporal e espacial desse material.” (SYMANSKI, 2009, p.2)

As pesquisas feitas durante o advento do histórico-culturalismo tinham caráter descritivo e buscavam contextualizar as culturas dentro de um molde homogêneo passado no decorrer das gerações, ou seja, esses artefatos eram direcionados para populações específicas onde o foco era no macro, a cultura material em contraste com o sítio arqueológico (FUNARI, 2005; LIMA, 2002; SYMANSKI, 2009).

“A forte penetração e perduração da versão mais empobrecida do histórico-culturalismo na arqueologia brasileira foi determinante para a nossa Arqueologia Histórica, responsável não só pelo seu caráter fortemente pontual, empiricista, descritivo, classificatório e biográfico, mas também pela preferência inequívoca por monumentos remanescentes do poder religioso, militar e civil, em detrimento de análises mais abrangentes do nosso passado histórico” (LIMA, 2002, p. 8)

O que Lima (2002) critica no parágrafo acima é justamente uma das barreiras que os Arqueólogos Históricos buscam até hoje derrubar com os seus trabalhos, este incluso. Uma visão puramente descritiva e organizacional para a cultura material histórica. Os olhares apenas recaem sobre o *macro* dos sítios históricos, fazendo com

que a Arqueologia Histórica fique no papel de disciplina de apoio para outras ciências como a História e a Antropologia, quando na verdade as três andam de mãos dadas na busca pelo reavivamento do passado, seja através de documentos escritos, estudos etnográficos, ou pela cultura material arqueológica.

Outro obstáculo no uso do modelo teórico-metodológico utilizado na Arqueologia Pré-Histórica para contextualizar os sítios históricos foi o chamado determinismo ambiental, pois na Arqueologia Pré-histórica, os arqueólogos treinados pelo PRONAPA levavam em consideração muito mais as condições ambientais para justificar a produção material do que o contrário. A partir deste momento é que se vê realmente necessário uma abordagem teórico-metodológica diferente e particular para a postulada Arqueologia Histórica.

“A visão reducionista desse esquema, fortemente marcado pelo determinismo ambiental, pouco se adequa à interpretação de fenômenos pós-contato com europeu. A riqueza documental sobre este período – quer seja relato de cronistas, de religiosos ou toda a produção sobre o Brasil Colônia, Império e República – mostra a complexidade dos fatos sociais.” (GASPAR, 2003, p. 272)

O período de consolidação da disciplina se dá entre 1980 e 1990, quando são abertas as portas – mais uma vez tardiamente – a um novo contexto, a uma nova corrente teórica, ao processualismo. O processualismo tem caráter altamente positivista e trata a Arqueologia como uma *hard-science*(ciência exata).

As principais características de uma pesquisa processualista são “rigor científico e objetividade, dedução e previsibilidade de fenômenos” (LIMA, 2002, p. 8), com foco na adaptação ambiental. O processualismo, diferente do histórico-culturalismo que busca individualizar as culturas através de descrições extensas e cansativas, tem como base a generalização dessas culturas. Prende-se muito mais a antropologia que a história, procurando encaixar as sociedades dentro de um padrão único, descartando as trajetórias particulares (idem, 2002). Ou seja, a corrente processualista procura, por exemplo, uma única explicação para o desenvolvimento da cultura asteca e da cultura japonesa.

“A Arqueologia Processual é uma abordagem que considera a cultura como um sistema que tem por principal propósito adaptar as comunidades

humanas aos seus embasamentos biológicos. Nesta perspectiva, as atividades de subsistência são consideradas determinantes, com as causas da mudança cultural devendo ser buscadas no meio natural e na tecnologia (Binford 1962). Na arqueologia histórica processual, os aspectos relacionados ao caráter adaptativo da cultura são, contudo, minimizados em detrimento das variáveis sócio-culturais. [...] Uma premissa básica da arqueologia histórica processual é que o comportamento humano é padronizado de acordo com linhas culturais e sociais, de modo que os correlatos materiais deste comportamento, ou seja, os artefatos que compõem o registro arqueológico, devem também ser padronizados (Deagan 1996:29-32 [1982]; Majewski e O'Brien 1987:173; South 1977)" (SYMANSKI, 2009, p. 4)

Nos anos de 1990 surge a corrente teórica intitulada pós-processualismo. Enquanto no histórico-culturalismo o enfoque era a descrição do *macro*, no processualismo era a padronização e generalização da cultura, o pós-processualismo busca enxergar o indivíduo e sua história particular.

No processualismo, e em parte no histórico-culturalismo, com base em tudo que aqui foi dito, a cultura material é tida como agente passivo e o meio ambiente é o agente ativo. No pós-processualismo as ideias e as relações sociais vêm acima das questões ambientais, elas moldam o meio e moldam a cultura material que ao dispersar-se molda outras culturas. Ou seja, a cultura material produz e reproduz ideais sociais (LIMA, 2002; SYMANSKI, 2009). No pós-processualismo cada **contexto** é único e analisado nas suas particularidades. É por isso que ele é o viés utilizado nesta monografia, pois se quer ver a louça branca não só como uma memória palpável, um marco temporal, mas também como uma memória intangível, que muito falava das relações sociais, um marco histórico-social.

“Assim, seus significados são culturalmente específicos, e os mesmos artefatos podem ter diferentes significados em diferentes *contextos*. Por essas razões não é possível fazer generalizações de uma cultura para outra. Seguindo uma tradição hermenêutica e idealista, o registro arqueológico é considerado um “texto” a ser lido e interpretado, antes do que um “laboratório” do comportamento humano.” (SYMANSKI, 2009, p. 8)

O pós-processualismo traz à tona o “estudo da dinâmica interna das sociedades, das relações de poder, dos conflitos de classe e de gênero dentro de contextos históricos específicos” (LIMA, 2002, p. 10). O contexto aqui estudado é de uma Manaus que sofreu um *boom* cultural “da noite para o dia”, passou de vila para cidade iluminada, conflituosa na delimitação de classes, pois não se tinha essa clara divisão até o ano de 1890, o espaço feminino começa a se confundir, ou se fundir, com o masculino, formando novos grupos domésticos, o poder aquisitivo se torna muito importante, utilizar do bom e do melhor ou imitar quem pode usar é a nova moda. O pós-processualismo abraça o descompasso que é a formação das sociedades e a relação homem-objeto.

### **1.3 OS MÉTODOS PARA AS LOUÇAS BRANCAS**

Como dito no tópico anterior, o contexto teórico utilizado nesta pesquisa é o pós-processualismo, por nos permitir estudar as louças enquanto produtora de imagem e manter-se em uma relação mútua com o consumidor das mesmas (CERTEAU, 1998). Porém, existe uma discussão ainda vigente dentro da disciplina. A Arqueologia Histórica é Antropologia ou História?

Segundo Orser (1992) ela pode ser feita seguindo os dois vieses. Os arqueólogos que conduzem sua pesquisa pelo viés histórico estariam em busca de marcos históricos, como quando um sítio foi construído, para que era usado ou por quanto tempo. Perguntas essas que cabem nesta monografia. Ou a pesquisa pode ser feita através do olhar antropológico, sendo mais importante o “por que” e o “quem” do que o “quando”. Esse “quem” não precisa ser especificamente uma pessoa, mas pode

ser uma sociedade, ou um grupo. Esses pontos também são abordados no trabalho aqui presente, pois se busca compreender a relação, os processos e as tradições que envolviam as louças brancas na Manaus da *Belle Époque*.

Segundo Symanski (2014), a História possui quatro níveis: a integração, a síntese, o contexto e a reconstrução. Já a Antropologia extrapola esses quatro níveis e chega a um quinto: o comparativo. Ela se fundamenta no conceito de cultura.

Geertz (1973) defende que a cultura é uma teia de significados e que estes devem ser “lidos” não como “ciência experimental em busca de leis”, mas de maneira interpretativa, sendo analisadas de maneiras diferentes, em diferentes contextos.

A relação aqui firmada da Arqueologia Histórica com a História e com a Antropologia conferem o caráter pós-processual dessa pesquisa, tornando-a influente e importante para as três disciplinas. Existe uma forte ligação material na época estudada, pois era o período áureo da borracha, Manaus estava em uma situação econômica favorável, então é normal que as pessoas queiram estar “no mesmo nível”. Existia uma relação de poder em três níveis: Poder de ter o objeto, utilizar este objeto e poder expor o objeto. Quanto mais se aproxima do terceiro nível, mais íntimo da elite.

Esse caráter inter e multidisciplinar da Arqueologia Histórica, favorece o arqueólogo quanto a busca por informações. As fontes a serem consultadas são consideravelmente maiores se comparadas a outros ramos da Arqueologia.

“As principais são os artefatos e as estruturas, a arquitetura, os documentos escritos, as informações orais e as imagens pictóricas.” (ORSER, 1992, p. 31) Neste trabalho, as estruturas e a arquitetura são estudados apenas a nível histórico, quando irá ser desenvolvida a história de Manaus e da Igreja da Matriz. Os documentos escritos são amplamente utilizados, tanto em trabalhos anteriores, de arqueólogos que pesquisaram louças brancas e desenvolveram métodos, quanto em pesquisa histórica da cidade de Manaus e entendimento das relações sociais através da antropologia. Com relação as imagens pictóricas, estas servem para tornar nítido e exemplificar o que aqui foi e será discutido nos próximos capítulos.

Os artefatos são fonte primária de qualquer pesquisa arqueológica. O documento, e narrador, desta pesquisa sempre vai ser a cultura material, as louças brancas. Os demais itens pesquisados são apoios que nos ajudam a constatar e explicar a significação social delas.

Os métodos do trabalho científico são de acordo com Gil (2002). Por ser um trabalho iniciante no estado do Amazonas e de cunho hipotético, utiliza-se do método exploratório para compor a metodologia do trabalho:

“Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.” (GIL, 2002, p. 41)

O trabalho seguiu os passos metodológicos do trabalho de Gil (2002), iniciando pelo levantamento bibliográfico prévio, formulação do problema, coleta e análises de dados e levantamento de hipóteses.

Segundo Lima (2011) é possível falar de relações sociais através da cultura material em cinco níveis. Esta cultura material enquanto reflexo de uma sociedade, ou seja, essas louças foram materializadas de acordo com o ambiente. As louças como resultados de sistemas culturais pré-definidos, o que importa nesse nível é a relação entre culturas materiais semelhantes, criando assim um padrão. O artefato enquanto fator exclusivamente histórico e evolutivo, tendo como base a teoria evolutiva darwiniana. E as louças brancas enquanto textos particulares, únicos a cada cultura.

Aqui se busca expor as louças brancas como elementos sociais e não apenas como agente passivo, ou como um sistema cultural pré-definido, até porque o uso e consumo dessas louças não são originariamente brasileiras, tampouco manauaras.

Vale ressaltar que os artefatos não explicitam os significados aqui lhes dado, estes são inferidos através de percepções da combinatória da Arqueologia, História e Antropologia. Essa combinatória explora o potencial informativo do registro arqueológico em termos de dinâmica social (SYMANSKI, 2009).

Existe uma variedade de louças, porcelanas, faiança fina, louça de *pó-de-pedra*, que não existiria se não houvesse uma significância social. Por que produzir louças com materiais diferentes, mas que quando finalizadas tem praticamente a mesma aparência? Não seria mais fácil produzir apenas um tipo e cobrar apenas um preço? Mas, e quem não pode pagar? É então que se começa a pensar no QUEM utilizava estas louças, quais as unidades domésticas essas louças ocupavam, sendo que essas unidades domésticas em Manaus têm uma formação recente no período estudado, começa-se então a falar de convivialidade onde o objeto tem poder sobre as relações sociais, estando sempre presente, sendo de forma utilitária ou decorativa (CERTEAU, 1996; LIMA, 1993; SYMANSKI, 2009).

Resumindo o foco e os métodos desta pesquisa, aqui lê-se a louça branca como parte integrante e influenciadora das relações sociais na Manaus Antiga (1890-1950) utilizando do pós-processualismo enquanto preocupa-se com o indivíduo por trás do objeto, buscando o significado do consumo, das práticas, das ideologias de um cotidiano e relações sociais em uma Manaus domada pela economia da borracha (período de 1890-1920) e uma Manaus que busca reviver as glórias do passado através da adoção do modo de vida burguês e permanência do mesmo (até meados do século XX). A interdisciplinaridade da Arqueologia Histórica fornece uma grandeza de fontes a serem consultadas, favorecendo o entrecruzamento da Arqueologia, História e Antropologia, tornando mais nítido as tensões sociais, culturais e influências da cultura material (as louças brancas) nos processos civilizatórios e práticas cotidianas.

## CAPÍTULO 2

### “Da Escura São José da Barra do Rio Negro à Iluminada Manaus”

*“Manaus  
Tuas róseas madrugadas  
De baunilhas perfumadas  
Trazem alento ao pescador  
Ao trépido vaqueiro  
Ao heroico seringueiro  
No seu regional labor”–  
Trecho do hino de Manaus.*

Manaus tem o seu início de modo atípico. Em 1621 é criado o Estado do Maranhão que se estendia do atual Ceará até o atual estado do Amazonas, com capital em São Luís. Segundo Freire (1990), no século XVII a história da cidade se inicia de fato como uma espécie de barreira feita pelo Governo vigente da época contra invasões europeias no território. Eis que em 1669, onde o Rio Negro e o Rio Solimões se encontram, surge o Forte de São José da Barra do Rio Negro.

Em 1751 surge o Estado do Grão-Pará e Maranhão, sendo a capital Belém. A região norte só é anexada de fato ao Brasil em 1823, acarretando para a atual cidade de Manaus atrasos enormes na infraestrutura e na sociedade.

Inicialmente povoada apenas por indígenas, missionários e militares, forma-se uma grande aldeia conhecida como Lugar da Barra (MACIEL e FILIPPINI, 2010). E por muito tempo assim continuou, Manaus conhecida como uma grande aldeia, ou vila, não como um centro urbano.

Como dito, uns dos primeiros habitantes do Lugar da Barra foram os missionários, mais especificamente os padres carmelitas que em 1695 erguem a primeira capela carmelita, muito simples, para firmar o início do caráter cristão das terras que hoje são Manaus. A capela carmelita foi destruída em 1781 e outra foi construída, cujo nome é em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, a mando do governador Lobo D’Almada (YPIRANGA, 2012).

“A matriz primitiva, tosca e simples, levantada aos repelões da conquista, em 1695, no então largo ou Praça da Trincheira, fora deitada abaixo

e no seu lugar ergue-se a segunda, de pedra e taipa socada em pilão”  
(YPIRANGA, 2012, p. 13)

Até 1791, período de Governo de Lobo D’Almada, indicado para governar o Lugar da Barra por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Manaus sofre leves evoluções na infraestrutura da cidade e uma pequena dinamização da cultura. Um dos marcos do governo de Lobo D’Almada é a transformação do Lugar da Barra em capital da Capitania de São José da Barra do Rio Negro (OTONI, 2005; SANTOS, 2009).

Já no século XIX, a independência do Brasil chega com mais de um ano de atraso, em 1823, só então aderindo a Barra do Rio Negro a independência. Em 1832 acontece a rebelião civil referente a insatisfação quanto a subordinação política da Barra do Rio Negro ao Grão-Pará e assim surge a Província do Rio Negro (SANTOS, 2009).

Ainda assim, sem um governo próprio, em 1833 a Província do Pará divide o território em três comarcas: a do Grão-Pará, do Alto Amazonas e do Baixo Amazonas. A comarca do Alto Amazonas substituíra a Capitania de São José da Barra do Rio Negro e elevava o Lugar da Barra a Vila de Manaus (idem, 2009).

Em 1845, com um pequeno crescimento populacional e a devoção dos moradores à religião cristã, a Câmara Municipal pretende levar a igreja de Nossa Senhora da Conceição ao topo da Campina (YPIRANGA, 2012).

“Chamava-se campina a toda região que se estendia para o norte a partir do igarapé de São Vicente de Fora, ou do bairro do Céu atual. Foi depois largo da Pólvora, em seguida Praça de Uruguaiana e mais tarde até hoje Praça de General Osório.” (YPIRANGA, 2012, p. 17)

Em 1850, a igreja de pedra e taipa mandada erigir por Lobo D’Almada, sofre um incêndio e é completamente destruída (idem, 2012). Crê-se que foi nesse momento que a Igreja da Matriz foi reconstruída no seu lugar atual, entre as avenidas 7 de setembro, Eduardo Ribeiro e a rua 15 de novembro. A igreja na sua localização atual passou por muitas reformas, acredita-se que em uma das reformas nos jardins, onde as louças foram encontradas, é quando ocorre o aterro com o material arqueológico

encontrado, para nivelar o terreno da igreja de maneira que esse fique acima do resto cidade.

“Nos jardins foram encontrados uma diversidade de materiais como louça, vidro, ferro, provenientes em sua maioria do aterro realizado pelo prefeito Jorge Teixeira com material proveniente do, então, lixão da cidade. Já no aterro realizado no séc. XIX foram encontrados basicamente material argiloso.” (CORRÊA, 2005, p. 3)



Uma parte do Jardim da Matriz

Figura 1 – Jardins da Matriz, 1901-1902. Autor: F.A. Fidanza



Figura 2 – Igreja da Matriz em 1909. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Acesso: 2016

No meio tempo, em 1848, Manaus é elevada à categoria de cidade, sendo chamada de “Cidade da Barra do Rio Negro” (MESQUITA, 2005). Vale ressaltar que nessa época a cidade ainda não foi tocada pelo “milagre econômico da borracha” e permanece com o *status* e estrutura de uma cidade rural.

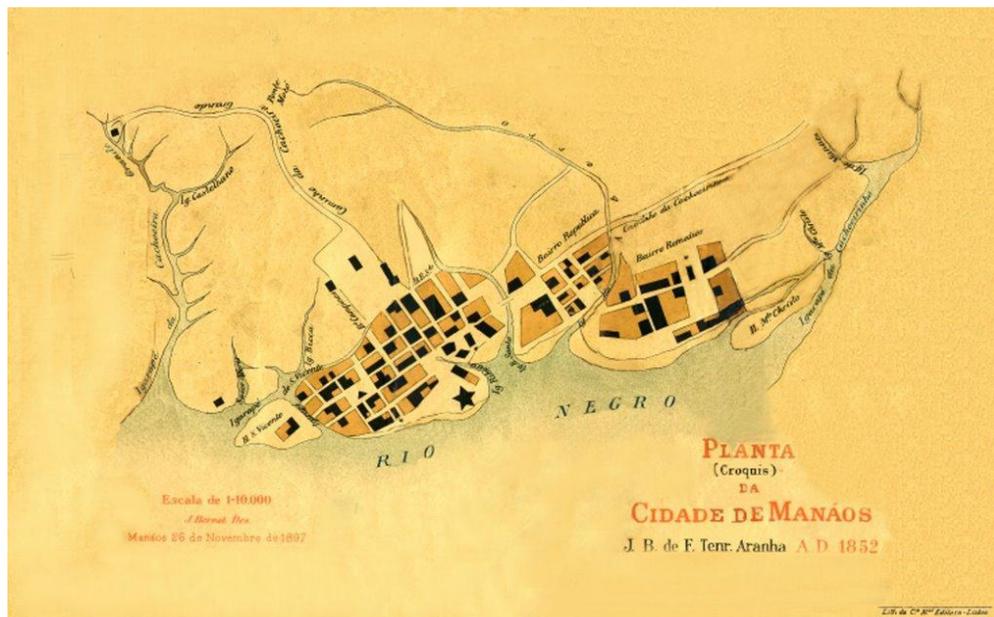


Figura 3 – Planta da Imagem de Manaus em 1852. Fonte: Acervo IGHA, acesso: 2015

## 2.1 O FIM DO SÉCULO XIX, O INÍCIO DA GLÓRIA

Segundo Mesquita (2005), com a crescente industrialização das cidades europeias houve uma preocupação por parte do Governo de Manaus com o espaço urbano. Acontece então o que ele chama de refundação da cidade.

“Eles sugeriram medidas estruturais para ordenar o crescimento da área urbana e evitar a manutenção dos traços orgânicos que marcavam o seu traçado original.” (MESQUITA, 2005, p. 112)

É também entre o período de 1890 e 1920 que ocorre a “expressão de euforia e do triunfo da sociedade burguesa no momento em que se notabilizavam as conquistas materiais e tecnológicas” (DAOU, 2000, p.10).

“No caso, entendemos por modo de vida burguês as formas de comportamento decorrentes da ideologia de privatização que se consolidou na Europa ao longo do século XIX, paralelamente aos avanços da industrialização, valorizando o individualismo, as fronteiras entre o público e o privado, o universo familiar e a ritualização da vida cotidiana, a acumulação de capital (tanto real quanto simbólico), os critérios de "respeitabilidade", a fetichização do consumo e a ascensão social” (LIMA, 1995, p. 2)

Na região norte, principalmente em Manaus e Belém, o surgimento de um modo de vida burguês advém da descoberta do potencial econômico e tecnológico do látex extraído da seringa. Para acompanhar a refundação da cidade estruturada por Mesquita (2005) e o *boom* econômico do comércio do látex conflitando com o aumento do interesse de estrangeiros na cidade de Manaus, a população manauara se vê em uma posição onde a única solução é se transformar em uma sociedade digna da recém-chegada *Belle Époque*.



Figura 4 – Monumento de abertura dos portos, 1901-1902. Autor: F.A. Fidanza

Mesmo que a abertura dos portos tenha se dado em 1966, foi apenas graças a navegação à vapor que Manaus obteve contato rápido com o resto do país e do mundo, pois o atraso sócio-econômico da cidade devia-se muito ao difícil acesso do território (DAOU, 2000). Com as navegações vinham os produtos, os chamados bens de consumo. Por que não louças brancas vindas de outros estados e de fora do país? O interesse estrangeiro na cidade havia aumentado consideravelmente, todos queriam ser “senhores do látex” e junto com eles vinham suas famílias, esposas, filhos, criados e claro, os bens pessoais. Por que atravessar o oceano e depois o rio com objetos “insignificantes”? Para os estrangeiros que para cá vieram poderiam sim serem simplesmente utilitários, afinal de contas eles estavam acostumados a conviver com aquele tipo de objeto. Mas para o povo manauara tudo era novo, tudo era melhor e tudo era imitável.

“Nas duas últimas décadas do século XIX, essas conexões intensificam-se, possibilitando a incorporação da Amazônia como parte crescente do mercado internacional. O volume de exportação da borracha começa a tomar destaque no conjunto das exportações da região. Ao dinamismo promovido pela economia gomífera a partir dos anos 1880, correspondeu a chegada de PESSOAS, CAPITAIS E MERCADORIAS, o que facultou para as ELITES da Amazônia uma situação de riqueza e prosperidade únicas.” (idem, 2000, p 17)



Figura 5 – Anúncio de viagem de navio à vapor, Correio do Norte, janeiro de 1912. Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Civilização e progresso eram as palavras em pauta no final do século XIX. Então durante o governo de Eduardo Ribeiro, Manaus foi modernizada para se encaixar nos moldes mais elevados da *Belle Époque*. Novos prédios, novos hábitos, novos costumes e novas normas (DIAS, 1999). O Código Municipal de Manaus, de 1893 possui caráter restritivo de algumas posturas e hábitos indesejáveis, ao mesmo tempo que estimulava atitudes apropriadas de uma cidade modernizada (DAOU, 2000).

Investiu-se nos aterros dos igarapés, calçamento para que Manaus ficasse com aspecto de centro urbano, construção de prédios públicos, iluminação, tudo para que Manaus fosse aceita como um lugar habitável e moderno (DIAS, 1999).

Novos bairros foram construídos. Os estrangeiros que se mudavam para Manaus, ou os comerciantes e trabalhadores que estavam “de passagem”, começaram a ocupar a nova Manaus iluminada pela borracha. É notável a mudança abrupta da arquitetura. As casas residenciais eram pomposas e muito diferentes das de local de trabalho. De quem maior era o terreno, mais era respeitado. Havia uma diversidade discrepante de estilos, tanto arquitetônicos quanto botânicos, mostrando também uma diversidade étnica de americanos e europeus que passaram a viver aqui (idem, 2000).

## **2.2 ME MOSTRA O QUE TENS QUE TE DIGO QUEM ÉS**

Ocorre que, antes do período da *Belle Époque*, Manaus não conhecia o termo burguesia ou elite, haviam sim as pessoas mais “cultas”, que lidavam com a burocracia e bom funcionamento da cidade, mas não havia a elite dos senhores de pasto como em Belém. Essa elite foi formada por uma memória coletiva no período áureo da borracha, deixando uma maioria populacional em zona periférica, como meros figurantes na história de Manaus. E quanto mais uma Manaus moderna e civilizada (JÚNIOR, 2013) se vendia lá fora, mais pessoas chegavam para tentar a sorte de uma vida melhor.

“O desafios e tentações de se viver numa cidade que muito prometia atraiu uma leva considerada de gente que vinha em busca da prosperidade e das oportunidades. Nesta última há de se destacar os fluxos próprios de quem vivia do comércio.” (SANTOS, 2015, p. 5)

A população elitizada de Manaus começa a adquirir um gosto particularmente europeu. Costumes como o “chá da tarde” chegam junto com os estrangeiros que aqui abrem seus cafés e restaurantes. Mas como alcançar a maioria marginalizada e que sentia a necessidade de fazer parte da *Belle Époque*? Queria fazer parte da elite? Um exemplo desse alcance é dado por Santos (2015) com relação a uma louça produzida

nacionalmente, mas com dono estrangeiro que também foi encontrada na escavação da Igreja da Matriz:

“A Baratinha, traz em seu nome o que o Sr. Viégas pretendia montar em termos de café nas ruas da efervescente capital: um estabelecimento que oferecesse produtos de baixo custo. Aproveitando-se de seus dotes culinários, o café rapidamente logra o sucesso sendo transformado em restaurante. Este por sua vez não só oferece preços acessíveis, como também a “diversidade de alimentos”.” (SANTOS, 2015, p. 6)

É então que começa o intenso comércio de produtos esteticamente parecidos com os que a elite manauara usava, mas de matéria-prima diferente e preços mais baixos. As porcelanas, cada vez mais caras pelo seu modo de fazer mais demorado e sua maior delicadeza abriram as portas para entrada de produtos mais baratos nos estabelecimentos e casas, como a faiança e a faiança fina. Esses estabelecimentos como cafés, restaurantes, eram pontos sociais. As pessoas que as frequentavam queriam mostrar que podiam frequentar os melhores lugares, com os melhores produtos, com as melhores louças. Isso causava certa tensão social na época que pouco é discutida quando se fala de *Belle Époque* manauara.

Todos esses lugares, principalmente a Av. Eduardo Ribeiro e as ruas que a cortavam e circundavam, eram o *point* manauara do século XX por ter os melhores estabelecimentos e ser o ápice da vida elitizada, são fatores para o processo civilizador dessa nova Manaus, a cidade puramente estética, onde os que nada realizaram, apenas possuem certo grau aquisitivo, tem voz suficiente para ditar regras ditas civilizadas e que acabam moldando uma cultura inteira durante um longo período de tempo. A inteligência e poder estão nas posses e não o que Norbert Elias trata como civilização, que são as verdadeiras realizações da sociedade, como inovações tecnológicas (ELIAS, 1990).

O que não se percebia na época era a dominância do objeto sobre o indivíduo. A sociedade criava, produzia, mas a partir do momento que este objeto vira parâmetro para um *status social*, ou ainda um signo, onde representava que aquela pessoa vinha

de “boa família”, tinha dinheiro e podia frequentar os melhores lugares de Manaus, o indivíduo fala sobre seu cotidiano, sua forma de conviver e de se expressar (CERTEAU, 1992).

As louças falam sobre relações sociais, sejam elas boas, ou ruins. Elas estavam presentes nos cafés da Eduardo Ribeiro, nos Armazinhos da Rua Municipal, nos Armazéns, nos comércios que vendiam da mais alta tecnologia, nos navios à vapor que chegavam e partiam, em casa, em um sem número de grupos domésticos e urbanos. Elas têm capacidade para falar de poder, de ambientação, o que se pode e o que não se pode fazer através da sua constituição física e simbólica.



Figura 6 – Avenida Eduardo Ribeiro, 1901-1902. Autor: F.A. Fidanza

**A. PAIVA E MELLO**  
**Avenida Eduardo Ribeiro 50<sup>a</sup>**  
ENDEREÇO TELEGRAPHICO—WEAVER  
**Telephone 227**                      **Caixa do Correio 45**  
MATERIAL, ELECTRICO

Agentes de grandes fabricas americanas de machinas,  
moveis de escriptorio, tintas e papelaria.

Eucarrega-se de installações de luz e força n'esta capital e no  
interior installações a bordo de navios.

**Iluminação em cidades do interior**

Deposito permanente de lampadas de arco, lampadas incan-  
decentes para todas as voltagens, lampadas de filamento metalico de  
iraco consumo, lampadas de bolso, lampadas de reducao para quar-  
to de dormir, pilhas, accumuladores, ventiladores, accendedores de  
cigarro, ferros de frisar

**SECÇÃO DE MACHINAS**  
Motores kerosene, gasolina e electricos. Apparelhos de elec-  
tricidade medica e odontologica.

Figura 7 – Anúncio de jornal, casa de material elétrico na Av. Eduardo Ribeiro. Jornal Correio do Norte, janeiro de 1912. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Acesso: 2017

Manaus era, sem dúvida, a melhor realidade para os que podiam obter o poder através da aquisição de bens de consumo, e a ilusão recriada por aqueles que utilizavam o genérico para se ater a uma faísca de civilidade.

“Na Manaus modernizada, a intensidade das interações, dos encontros sociais, das oportunidades, da exibição pública, intensificaram-se, permitindo que se tecessem e consolidassem novas relações, promovendo uma base de experiências comuns a indivíduos e famílias que ali revitalizavam as redes de sociabilidade e reforçavam sua identidade social” (DAOU, 2000, p. 35)

Segundo Dias (1999), toda a modernidade e os avanços tecnológicos trazidos para Manaus no final do século XIX e XX favoreceu **quem chegava** em detrimento dos que aqui já estavam. A cada 10 manauaras, 8 eram analfabetos. Os bens de consumo, o luxo, a vida social, os eventos, as fachadas das casas eram uma máscara posta para quem por aqui pensava se instalar e para manter a boa economia da cidade. Mas a maioria marginalizada de Manaus sofreu, ficando nas margens, sendo vistos como intrusos em sua própria cidade.

“Em Manaus, a complexificação das atividades urbanas; a clara definição de uma área comercial correlata à ampliação de áreas residenciais; e os novos bairros previstos no código municipal contribuíram para que fossem afastadas do perímetro urbano atividades que evocassem o contato e o desfrute da natureza, tocando à cidade sobretudo a realização dos negócios e dos prazeres “mundanos” ou estreitamente associados ao consumo cultural: os bailes, as cervejarias e o teatro.” (DAOU, 2000, p. 43)



Figura 8 – Planta de Manáos durante a administração de Eduardo Ribeiro. (1901-1902).  
Fonte: Álbum do Amazonas por F.A. Fidanza

A *Belle Époque* manauara não dura muito. Próximo ao ano de 1920, a semente da seringa é roubada e começa a ser comercializada diretamente na América e na Europa, fazendo o valor monetário dela aqui cair consideravelmente.

Os anos seguintes à *Belle Époque* são importantes para a pesquisa aqui explanada, pois o objeto, a cultura material, vale muito mais nos anos em que se busca REVIVER as glórias do passado, manter a cidade funcionando, movimentar a economia, ao mesmo tempo que movimenta as relações sociais. As louças são barateadas, mais pessoas podem comprar, mais pessoas podem fazer parte de uma elite agora ilusória à todos.

## CAPÍTULO 3

### “Da Faiança a Porcelana”

*“A máquina não era deus não, e nem possuía os distintivos traços femininos de que o herói gostava tanto. Era feita pelos homens. Se mexia com eletricidade, com fogo com água com vento com fumo, os homens aproveitando as forças da natureza.” – Macunaíma, de Mário de Andrade, 1928.*

Feito a contextualização teórica e histórica das louças brancas aqui apresentadas, faz-se necessário mostra-las, quantifica-las e qualifica-las de acordo com a bibliografia consultada e os métodos da Arqueologia Histórica. Para isso, é necessário entender a procedência dessas louças e como elas chegaram em Manaus.

Vale ressaltar o que outros trabalhos com louças históricas e arqueológicas vêm enfatizando. Existe uma dicotomia muito grande ligada aos trabalhos que envolvem as palavras “louças”, “porcelana”, “faiança”. SOUZA (2013) atenta para o caso de trabalhos que lidam com louças nacionais e as classificam como louça inglesa, ou faiança portuguesa, simplesmente por um comodismo ao chamar de “louça”. Acontece uma generalização. Procurou-se nessa pesquisa englobar os dois âmbitos: o verdadeiramente nacional e o verdadeiramente internacional.

O próprio termo “louça” é discutido no meio acadêmico, pois autores como Pileggi (1958), Brancante (1981), Morales (2014) e Souza (2013) conceituam louça como um termo genérico para um tipo de material feito em barro, com ou sem esmaltação, com ou sem decoração.

“Referência clássica, Pileggi (1958:194) afirma que esta nomenclatura compreende “todos os produtos manufaturados de cerâmica, compostos de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queimas”, sendo uma expressão quase exclusiva do idioma português (*loiça*) e do espanhol (*loza*).” (PILEGGI apud MORALES, 2014, p. 221)

Os termos aqui utilizados são apenas para caráter classificatório científico, pois como explicado a pesquisa tem caráter pós-processual, buscando a visão social das louças e não divisório.

### **3.1 O IMPÉRIO MATARAZZO**

Como dito anteriormente, com a abertura dos portos e a crescente economia brasileira, os estrangeiros viam uma ótima oportunidade de crescer na vida, ou expandir negócios. O final do século XIX e início do século XX foi um período economicamente ruim na Europa, e um desses estrangeiros que vieram ao Brasil em busca de uma vida melhor foi Francesco Matarazzo, criador das Louças Matarazzo e de tantos outros produtos comercializados entre 1890 e 1950.

“Informações estatísticas sobre o movimento imigratório no porto de Belém, no início do século XX, registrados no Anuário Estatístico do Brasil de 1912, produzem um retrato aproximado da imigração internacional na Amazônia. Segundo essa fonte, entre 1908 e 1910, entraram no porto de Belém cerca de 13.500 estrangeiros de várias nacionalidades, destacando-se os portugueses (48,67%), os espanhóis (15,98%), os ingleses (7,18%), os turco-árabes (4,69%) e os italianos (4,15%). O crescimento econômico da Amazônia, decorrente da elevação dos preços da borracha nesse período pode ter constituído fator motivador dessa expressiva imigração.” (EMMI, 2010)

Houve certa dificuldade, apesar de Matarazzo ter se tornado um nome muito famoso entre os brasileiros, em achar a biografia das origens. O trabalho vale-se aqui de um documentário exibido no canal televisivo *History* e alguns outros artigos científicos que contam a história da família.

Francesco Matarazzo chega ao Brasil em 1881, vindo de sua cidade natal Castellabate, após a trágica morte do seu pai. Ele assume os negócios da família, em uma época que a economia europeia ia de mal a pior. Matarazzo havia apostado tudo em um carregamento de banha de porco que pretendia vender e ampliar os negócios no Brasil, mas o carregamento nunca chega a São Paulo, afundando junto com a embarcação que a carregava.

Sem rumo, sem dinheiro e sem produtos para vender, com uma esposa e um filho para sustentar, Matarazzo vira mascate, e assim permanece até 1883, quando da oportunidade de comprar alguns porcos e algumas latas que estavam sem uso o fazem voltar ao mercado de banha de porco. Logo, ele se torna o maior vendedor de banha de porco na cidade de Sorocaba. Porém, toda ideia boa uma hora é copiada e logo Matarazzo arranhou concorrentes no ramo. Pesquisadores atribuem o sucesso de Matarazzo a uma grande visão de empreendedorismo. Ele mesmo criou uma máquina manual para retirar a banha do porco e nada deixava ser desperdiçado. Em pouco tempo ele estava vendendo a carne do porco e usando os ossos para a fabricação de botões. Então surge o Armazém Matarazzo (1883).



Figura 9 – “Conde” Francesco Matarazzo (s/d). Fonte: Site Terra.

Pela diversidade de produtos vendidos, o Armazém Matarazzo logo se torna um negócio estável. Mas não é a verticalização da empresa o principal motivo. Matarazzo colocava simbolismo em seus produtos, procurava ocupar todos os espaços da vida doméstica e sociais possíveis. Ele estudava o comportamento de consumo dos clientes, os tratava como amigos e assim se tornou um dos maiores empresários no Brasil no final do século XIX e início do século XX.

“Praetzellis et alii (1988:193) definem comportamento de consumo como “...a participação de diferentes grupos sociais na expressão local de um sistema econômico nacional”. De fato, a aquisição dos itens materiais nas sociedades pré-industriais e industriais ocorre, na grande maioria das vezes, através do comércio e, mesmo que sejam referentes a ESCOLHAS INDIVIDUAIS, deve ser lembrado que o indivíduo é INFLUENCIADO PELO

AMBIENTE SÓCIO-CULTURAL no qual está inserido, posto que, como assevera Henry (1992:03), o ato de consumir não é somente COMPORTAMENTO ECONÔMICO, mas também SOCIAL. Os itens materiais portanto, podem atuar como indicadores de FILIAÇÃO SOCIAL de seus usuários, um aspecto que tem implicações significativas sob o ponto de vista de uma arqueologia dos grupos domésticos.” (SYMANSKI, 1997, p. 83)

Em 1888, os negócios de Matarazzo estão faturando, então ele traz dois irmãos da Itália e cria a *Matarazzo e Irmãos* e em 1891 mais duas novas fábricas de banha, com nome de Companhias Matarazzo/SA. No mesmo ano é fundada a F. Matarazzo & Comp. Ltda., como uma casa de comissões e consignações. Mais tarde adere a importação. A partir dos anos de 1900 as fábricas Matarazzo passam por um rápido crescimento. É fundado o Moinho Matarazzo e o Banco *Commerciale Italiano* de São Paulo. Em 1902 surge a Metalúrgica Matarazzo. Em 1904 é fundada a Fábrica de Tecidos Mariângela (RODRIGUES e VILELA, 2013).



Figura 10 – Anúncio da Metalúrgica Matarazzo, sem data. Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/c8/38/9f/c8389f61356de4f6c6b165947d3565f0.jpg>

É só em 1911 que as indústrias de Matarazzo carregam o nome “IRFM – Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo”. Em 1925 se tem registros das louças Matarazzo, em três fábricas distintas: Santa Catharina, São Caetano e São Paulo.



**Figura 11** - Logomarca IRFM por volta de 1911. Fonte: <https://mohlegal.files.wordpress.com/2009/05/logomarcamatarazzo.jpg?w=300>

A visão diferenciada de Francesco Matarazzo o tornou conhecido por todos os clientes, suas indústrias cada vez maiores e ele mais rico. Quando faleceu em 1937 ele era o quinto empresário mais rico no mundo. Foram mais de cem mil pessoas no seu velório, todas querendo dar adeus ao “Conde” Francesco Matarazzo.

### **3.1.1 A LOUÇA BRANCA DE MATARAZZO**

Escolheu-se essas louças por dois motivos: Em primeiro lugar por elas possuírem o selo Matarazzo, vindo de São Paulo e São Caetano. Em segundo lugar essa foi a marca nacional com maior número de fragmentos encontrados, são noventa e cinco fragmentos distribuídos entre as Fábricas São Paulo e São Caetano. Esse material foi inventariado e catalogado, mas devido a sua grande quantidade, a ficha de inventariação será exemplificada no tópico seguinte.

Como explicado no tópico anterior, as Fábricas Matarazzo possuíam um amplo leque de produtos. Banha de porco, tecidos, metais, tubos, arroz, amido e louças eram apenas alguns dos produtos que eles forneciam. Desse modo, as louças Matarazzo, assim como os outros produtos, eram intensamente introduzidos no cotidiano das famílias, fazendo a marca Matarazzo tornar-se um signo cultural (GEERTZ, 1973)

multifacetado, capaz de trazer semelhança e familiaridade entre os indivíduos que utilizavam os produtos Matarazzo.

Exemplificando a influência das louças brancas na *Belle Époque* e após a queda da borracha, a busca em reviver as glórias do passado, onde a “vida era social”, as pessoas se identificavam através de códigos de comportamento, maneiras de mostrar poder aquisitivo (DAOU, 1999), ter uma louça Matarazzo à mesa era comum para alguns – lembrando que eles produziam inúmeros bens de consumo além das louças brancas – e socialmente relevante para uma visita considerar uma casa de respeito, ou voltar para um próximo “chá da tarde”, pois mostrar o que você tinha era mostrar quem você era. Alguns costumes sociais adquiridos no século XX perduram até hoje, como a “obrigação” social pré-estabelecida de oferecer o melhor a quem chega na sua casa. Certeau (1998) adere isso as “maneiras de fazer” que marcam as culturas e sociedades, que são capazes de fazer e refazer processos sociais. O conceito “tradição inventada” conduzido por Hobsbawn (1997) explica de maneira clara porque Manaus ficou conhecida por *Paris dos Trópicos* aderindo hábitos e costumes europeus para melhorar sua imagem:

“Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”. (HOBBSAWN, p. 9)

Ainda assim, o caso Matarazzo é interessante, porque diferente de outras louças encontradas no sítio “Jardins da Catedral”, a louça Matarazzo é esteticamente inferior a outras encontradas em menor quantidade.

Após a análise laboratorial e análise comparativa com a bibliografia, algumas das louças Matarazzo aqui estudada, sem nenhuma espécie de decoração, se enquadra no que Brancante (1981) classifica como louça de *pó-de-pedra*, em outros trabalhos encontra-se louças semelhantes com a nomenclatura de faiança:

“Tem semelhança com a porcelana, é de composição diferente com a moagem do feldspato e do quartzo a pó não muito fino, pois as partículas ficam visíveis e desiguais em tamanho, dando a impressão de pó de pedra. No comércio para efeito de propaganda é chamada de meia porcelana.” (BRANCANTE, 1981, p. 707)



Figura 12 – LOUÇA IRFM – São Caetano (coroa de 9 pontas). Autor: ROSAS, Tammy, 2015



Figura 13 – LOUÇA IRFM – São Caetano (coroa de 8 pontas). Autor: ROSAS, Tammy, 2015.

Como mostrado nas imagens, a IRFM – São Caetano possui algumas diferenças sutis na logomarca. Uma coroa possui nove pontas e a outra possui oito pontas. As

hipóteses que podem ser levantadas quanto a significância dessa mudança são muitas, porém irrelevantes a pesquisa atual.

Pelas marcas vistas no fundo da louça (na parte periférica), admite-se que ela seria de uso utilitário e na Figura 12 pode-se ver a base de uma xícara – de chá, de café – com parte da parede. Na Figura 13 é possível também notar as marcas de uso e um pequeno fragmento da alça.



Figura 14 – LOUÇA IRFM – São Caetano (sem coroa). Autor: ROSAS, Tammy, 2015) (P.36)

A mudança mais significativa encontrada na empresa de São Caetano acontece das figuras 12 e 13 para a figura 14, quando a logomarca muda completamente. Matarazzo deixa de utilizar a logo com coroa e passa a utilizar a forma de uma indústria com a sigla da fábrica em cima.

Na fábrica de São Paulo é produzida uma louça mais fina e delicada, tanto que é encontrada mais fragmentada que a São Caetano. Segundo a classificação de Brancante (1981) seria classificado como faiança:

“Feita com argila de grande plasticidade e recoberta de esmalte opaco à base de compostos de chumbo (transparente) e estanho branco (opaco)”. (BRANCANTE, 1981, p. 704)



Figura 15 – LOUÇA IRFM – São Paulo. Autor: ROSAS, Tammy, 2015 (P.36)

A variedade e quantidade de louças branca Matarazzo resgatadas das escavações e salvamentos feitos na Igreja da Matriz em 2002, mostram grande potencial material, e que esse produto estava presente nos mais diversos aspectos da vida social do indivíduo da Manaus Antiga. Em primeiro lugar pelas marcas de uso, em segundo lugar pela quantidade, em terceiro lugar pelo contexto histórico em que se encaixam, valendo-se da grande vaidade do consumo e da memória coletiva que elas evocam ao serem lembradas.

### **3.2 A INTERNACIONAL JOHNSON BROTHERS**

Diferentemente das louças brancas de Matarazzo, as louças com a marca Johnson Brothers se encontram em menor quantidade e são esteticamente melhores. São mais finas, mais leves, mais delicadas e mais brancas.

Porém, se com a Matarazzo, nacional e famosa como é, houve dificuldade em achar material bibliográfico, com a Johnson Brothers essa dificuldade aumentou consideravelmente. O inventário foi feito assim como o das louças brancas de Matarazzo, de acordo com a ficha que está exemplificada na página seguinte.

Segundo a classificação de Brancante (1981), as louças brancas da Johnson Brothers, se encaixa na definição de faiança fina:

“Faiança fina ou inglesa: Segundo Alexandre Bronguiart (Sèvres), a faiança fina pertence aos produtos de pasta dura e opaca, branca infuzível ao fogo de porcelana e com vidrado de chumbo. Porém, a sua composição é diferente da clássica faiança ou majólica. Sua pasta é produto ingredientes, conforme a fábrica que os aplica, é compacta e de forma geral esbranquiçada, dispensando o engobe. [...] Chamada pelos ingleses de “cream colouredware” ou “queen’sware”, ou “White earthenware”.” (BRANCANTE, 1981, p. 705)

Apesar de serem poucas, elas apresentam uma boa diversidade quanto a utilidade e maneiras de fazer, seja um detalhe na base, ou uma impressão da marca diferenciada e foram inventariadas como mostra a tabela a seguir.

Inventário das louças brancas - Sítio Catedral (2002)		
SIGLA + CÓDIGO	FÁBRICA	DESCRIÇÃO
AM-MA-1 - 13825	Johnson Brothers	Louça lisa do tipo faiança fina, com decoração do tipo pintura azul, com a marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 15653	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina sem decoração, provavelmente uma xícara, com a marca Johnson Brothers, aspecto nítido.
AM-MA-1 - 06049	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina, sem decoração, provavelmente fragmento de uma tijela da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 11793	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina sem decoração, provavelmente uma cuia, da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 01043	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina sem decoração, com a marca Old England pertencente a indústria Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 16210	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina craquelada da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 10305	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina craquelada provavelmente um prato com impressão "England" Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 14210	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina branca opaca, provavelmente uma xícara com detalhes na base da Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 05765	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina sem decoração, fina, provavelmente uma tijela da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 09794	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina, sem decoração, com um fragmento de base, da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 14441	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina, sem decoração, com coroa, da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 04293	Johnson Brothers	Louça branca do tipo GRÉS, provavelmente uma garrafa de vinho, ou cerveja, da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 05876	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina, sem decoração "England" Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 06634	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina, sem decoração com coloração azulada opaca da

		marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 11180	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina, sem decoração com coroa, da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 06572	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina, sem decoração, provavelmente um fragmento prato, da marca Johnson Brothers.
AM-MA-1 - 07400	Johnson Brothers	Louça branca do tipo faiança fina craquelada amarelada, com coroa da marca Johnson Brothers.

FICHA MODELO DO INVENTÁRIO DAS LOUÇAS BRANCAS ARQUIVADO NO LABORATÓRIO.

Segundo ZARUCCHI (2004) a empresa Johnson Brothers foi considerada a maior produtora e comerciante de louças durante 130 anos. Funcionou dos anos 1872 à 2002. Era uma empresa especializada em decorações para exportar principalmente para as Américas, onde eles estudavam as culturas e sociedades para reproduzir seus desenhos em porcelana.



Figura 16 – LOUÇA JOHNSON BROTHERS. Autor: CARVALHO, Alberto, 2017



Figura 17 – LOUÇA JOHNSON BROTHERS. Autor: CARVALHO, Alberto, 2017

A chegada dessas louças em Manaus pode ter ocorrido por diversos meios: Importação e compra em algum estabelecimento de Manaus (Figura 18), através de troca, ou presente, o proprietário em viagem ao exterior pode ter adquirido, pode ter sido adquirida através de sorteios de jornais (Figura 19).

“A regularidade das idas e vindas de navios de múltiplas bandeiras veio garantir grande parte do abastecimento das duas capitais, favorecendo a implantação de um tipo de GOSTO e de CONSUMO que valorizava o que vinha de fora e enfatizava todos os sinais que promovessem uma aproximação com as capitais europeias, paradigmáticas do progresso e da civilização.” (DAOU, 2000, p. 21)

O que aqui importa no contexto da pesquisa é que o achado dessas louças nos conta uma história muda. História essa que representa o cotidiano através do seu

modo de fazer e seu modo de usar. Nos fala de práticas, o comércio intenso comprovado na época da borracha, o costume de frequentar os mais elitizados restaurantes e cafés, ou não, mesmo com uma renda baixa ser capaz de sentar à mesa de um restaurante com louças mais baratas, porém respeitadas. O ato de usar, decorar e se explicar socialmente através dos objetos, através das louças brancas, falam de relações interclasses esquecidas ou silenciadas (POLLACK, 1989) em detrimento dos grandes acontecimentos da Manaus da *Belle Époque* e também depois dela.



GRANDE ESTABELECIMENTO  
DE  
**Louças, vidros, cadieiros e moveis**  
CASA FUNDADA EM 1894  
DE  
**ADRIÃO RIBEIRO**  
*Rua Henrique Martins, 21—Manáos*

Esta casa dispõe do maior e mais variado sortimento de copo, taças, calices, com, oteiras, de crystal, de Baccarat e vidro, e muitos outros artigos de USO DOMESTICO, modelados pela arte nova.

Importação directa de todas as fabricas da Europa e America

**A Casa Pekin é a que mais barato vende**

Figura 18- Recorte do jornal "O Bond", setembro de 1906, anúncio de loja de louças. Fonte: Biblioteca Nacional Digital

### 3.º SORTEIO

Aos leitores do "BOND" offerecemos para o 3.º sorteio de premios

#### Seis copos finissimos

com vistas de Manaus, a côres, offerecidos pelos srs. Britto Pereira & Comp., proprietarios da acreditada casa

#### O PRATO CHINEZ

á rua Municipal.

Nesse estabelecimento é onde se encontram os mais finos crystaes e louças finissimas a preços sem competencia que se podem adquirir em prestações.

Leiam todos

### "O BOND"

o unico jornal que distribue premios aos leitores.

Concorram todos ao

### 3.º SORTEIO DO "BOND"

*Para ter direito ao sorteio basta cortar o coupon junto, assignal-o e leval-o ao escriptorio do "Amazonas" que, por especial obsequio, se presta a recebê-lo.*

Na quinta-feira 18 de Outubro, á 1 hora da tarde, será feito o sorteio dos coupons recebidos e ao vencedor será entregue o

### VALIOSO PREMIO

Figura 19 – Recorte do jornal "O Bond", outubro de 1906. Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

## Considerações Finais

A pesquisa aqui feita teve como intuito obter uma, das inúmeras possíveis, interpretação quanto as louças brancas históricas e arqueológicas. Lima (1995) atenta para o fato delas serem encontradas aos montes nos sítios históricos, por vezes encaixotadas sem estudo. Mas devemos nos perguntar o porquê da presença de tanto material arqueológico histórico nos mais diversos pontos do Brasil. Olhar não apenas o utilitário, mas o simbólico, para que memórias silenciadas sejam reativadas através da delicadeza da porcelana, ou da robustez da Faiança.

Essas louças estavam presentes em âmbitos contrários da vida no século XIX e XX. Symanski (2002) e Tocchetto (2003) falam sobre como os objetos são capazes de modificar e moldar as práticas cotidianas. Através das louças brancas, mas não só delas, grupos domésticos foram modificados a partir do século XIX. A cozinha que fazia parte da sala de jantar agora passa a ser um cômodo separado. E estes novos hábitos, adquiridos pelos manauaras a partir do modelo europeu, demandam novos objetos. É então que a louça branca se torna mais presente na vida das pessoas.

O poder dominador e moldador das louças brancas nas classes sociais, através do consumo e reprodução de uma imagem por uma elite, e a captação dessa imagem pela periferia (CERTEAU, 1998), torna visível as tensões e capacidades sociais do objeto.

Essas associações podem ser feitas através do potencial interdisciplinar da Arqueologia Histórica. Na Antropologia vemos como as tradições são raramente originais, mas sim inventadas (HOBSBAWN, 1997), porém, foram inventadas por quem? Pela elite manauara, com base em uma tradição que não lhe pertencia, para que fossem aceitos como civilizados, socialmente capazes de se misturarem com os europeus.

Contudo, o processo civilizador que ocorreu com o início da *Belle Époque* é apenas um dos vários acontecidos na cultura brasileira. Onde uma minoria dita regras

através do poder aquisitivo, objetos – louças brancas inclusas – e dinheiro, e uma maioria tende a querer copiá-los e serem aceitos por eles (ELIAS, 1994).

As louças brancas históricas/arqueológicas, assim como outros materiais arqueológicos históricos, podem ser lidas através de muitos olhares. Podemos falar da Arqueologia do Capitalismo, focando principalmente no consumo e influência dessa louça para a economia. Elas falam ainda de dispersão histórico-temporal se focarmos na produção dessas louças e alcance mundial. As louças falam de imigração brasileira no período áureo da borracha quando dentre elas são encontradas louças internacionais.

O que se quer mostrar é que as louças brancas, no que tange o conceito de patrimônio trazido por Pierre Nora, são lugares de memórias. Memórias essas que ajudaram a moldar a sociedade manauara em um período glorioso que se achava ser eterno. A cultura material tem o poder de armazenar histórias passadas e eterniza-las enquanto prova de um passado que para muitos já é apenas poeira no vento.

## Referências

- BRANCANTE, E. F. **Brasil e a Cerâmica Antiga**, São Paulo, 1931;
- CARVALHO, Marcos Rogério Ribeiro de. **Pratos, xícaras e tigelas; um estudo de Arqueologia Histórica em São Paulo, séculos XVIII e XIX: Os sítios solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa nº 11**. Revista do MAE-USP, SP, 2003;
- CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Editora Vozes, 3ª edição. Petrópolis, 1998;
- CORRÊA, Marcus Vinícius de Miranda. **Da Capela Carmelita à Catedral Metropolitana de Manaus (AM): Uma Arqueologia da Arquitetura**. MAE-USP, 2005;
- COSTA, Diogo M. **Algumas abordagens teóricas na Arqueologia Histórica Brasileira**. Arqueologia/Artigos, 2013;
- DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Coleção Descobrimdo o Brasil, Jorge Zahar Editor, 2000;
- DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto**, Editora Valer, 2007;
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador vol.1: Uma história dos costumes**. Jorge Zahar Editor, 1994;
- EMMI, Marília Ferreira. **A Amazônia como destino das migrações internacionais do final do século XIX e início do século XX: o caso dos portugueses**. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2010;
- FUNARI, Pedro Paulo A. **Teoria e métodos na Arqueologia Contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**. MNEME, revista de humanidades, 2004;
- GASPAR, Maria Dulce. **História da construção da Arqueologia Histórica Brasileira**. MAE-USP, SP, 2003;

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1973.

GHENO, Diego Antônio, MACHADO, Neli T. Galarce. **Arqueologia Histórica – Abordagens**. História: Questões e Debates, Curitiba, 2013;

HOBBSAWN, Eric J, RANGER, Terrence. **A invenção das Tradições**. Editora Paz e Terra, 6ª edição 1997;

JÚNIOR, Paulo Marreiro dos Santos. **A Manaus da Borracha, a Europa enquanto modelo**;

KERN, Arno Alvarez. **A Arqueologia História, a História e os trinta povos da missão**. I Seminário de Arqueologia Histórica, 1985;

LIMA, Tânia A. **Arqueologia Histórica: Algumas Considerações Teóricas**. I Seminário de Arqueologia Histórica, 1985, RJ.

\_\_\_\_\_ **Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais**. Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011;

\_\_\_\_\_ **Os marcos históricos da Arqueologia Histórica, suas possibilidades e limites**. Estudos Ibero-Americanos, 2002;

\_\_\_\_\_ **Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX**, Anais do Museu Paulista, São Paulo, N. Ser v.3 p.129-191 jan./dez.1995;

MACHADO, Neli T. Galarce; LOPES, Sérgio Nunes; GHENO, Diego Antônio. **Arqueologia Histórica e a Problemática do Patrimônio: discussões acerca da preservação, turismo e educação patrimonial no Vale do Taquari – Rio Grande do Sul**. História, SP, 2009;

MESQUITA, Otoni Moreira. **La Belle Vitrine: o mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890-1900)**. Niterói, 2005.

MORALES, Martha Helena Loeblein Becker. **Fronteiras de uma discussão: Arqueologia Histórica de uma Fábrica de Louças.** Revista Memorare, 2014;

---

**Fragmentos de História: passados possíveis no discurso da Arqueologia Histórica.** Teses do Museu Paranaense. Vol. 9, 2014;

NOGUEIRA, Cleber Suckow et al. **A visão empreendedora no processo de sucessão – o caso das indústrias reunidas Fábricas Matarazzo;**

ORSER, Charles E. Jr. **Introdução à Arqueologia Histórica,** Belo Horizonte, 1992, Oficina de Livros;

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica No Brasil e no mundo,** 1958;

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio.** Tradução de: Dora Rocha. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. 1989;

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **História do Amazonas.** Coleção Reconquista do Brasil. 2ª ed. – Belo Horizonte, 1989;

SANTOS, Francisco Jorge. **História Geral da Amazônia.** 3ª ed, Editora MemVavMem, 2009;

SANTOS, Tatiana de L. Pedrosa. **Lugares de Nossas Memórias: A baratinha.** XXVIII Simpósio Nacional de História. 2015;

SOARES, Vanessa dos Santos, AMARAL, Janice Rosa do, MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **Necessidade ou Poder? Uma análise sobre as louças do sítio arqueológico casarão dos Mello.** XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação;

SOUZA, Rafael de Abreu e. **Não somos estrangeiras! Pelas louças brasileiras.** Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. V. X, nº 20. Pelotas, RS: Editora UFPEL, 2013;

\_\_\_\_\_ **Tijela, café e xícara: diversidade formal e dinâmicas de consumo na produção das louças brancas da cidade de São Paulo no início do século XX.** Anais do Museu Paulista, 2012;

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. **A Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos.** Cenários Regionais na Arqueologia Brasileira, 2009;

\_\_\_\_\_ **Arqueologia: Antropologia ou História? Origens e tendências de um debate epistemológico.** Tessituras, Pelotas/2014

\_\_\_\_\_ **Grupos domésticos, comportamento de consumo e louças: o caso do solar Lopo Gonçalves.**

\_\_\_\_\_ **Louças e a auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas no Brasil.** Arqueologia na Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas, 2002;

TOCCHETTO, Fernanda. **Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista.** Revista Arqueologia, 16: 59-69, 2003;

TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico.** Editora Odysseus, 2004;

VILELA, Renato, RODRIGUES, Marcelo Lima. **As práticas aparentes de governança e o planejamento sucessório de duas gerações.** GEEF (Grupo de Estudos de empresas familiares), SP, 2013;

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos.** Arqueologia, Curitiba, 5:117-30, 1986,

ZARUCCHI, Jeanne Morgan. **Visions of America: Johnson Brothers pottery in the US Market: 1872 – 2002.** The Journal of Popular Culture, 2004.